



**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**  
**Departamento de História**

**Disciplina: História Antiga I (Períodos Vespertino e Noturno)**

1º semestre de 2024

Responsável: Marcelo Rede

### **AVALIAÇÃO SEMESTRAL**

**Orientações:** Cada Ponto abaixo é composto de quatro elementos (textos historiográficos e fontes documentais). Escolha apenas um dos quatro pontos. Identifique o(s) problema(s) levantado(s) pelos textos historiográficos e documentos e discuta-o(s), levando em consideração as **aulas expositivas**, as **análises documentais** feitas no semestre e as **leituras programadas** realizadas.

- não faça capa;
- identifique a dissertação apenas com seu nome e período. A Avaliação é individual;
- indique o Ponto escolhido;
- as referências à bibliografia usada no curso (Leituras Programadas) ou que faz parte do Programa podem ser sumárias; para outros títulos, faça uma citação completa (em qualquer sistema);
- o mesmo vale para as referências às fontes documentais;
- sugestão de tamanho: entre 3 e 6 páginas (Times New Roman 12, ou equivalente; espaçamento: 1,5); trata-se apenas de uma sugestão;
- envie para o endereço [mrede@usp.br](mailto:mrede@usp.br); no assunto coloque “avaliação”; não será acusado recebimento;
- data limite para entrega: **23 de junho de 2024**;
- valor da Avaliação: 8 pontos;
- Lembrete: o Trabalho de Análise Documental deve ser entregue até a mesma data (**23/6/24**); valor 2 pontos. Sugestão de tamanho: entre 2 e 3 páginas. O Trabalho pode ser feito em dupla.

#### **Ponto 1**

**a) Liverani, Mario – *Immaginare Babel. Due secoli di studi sulla città orientale antica*. Roma: Laterza, 2013, p. 33 s.**

Os museus metropolitanos, preparados pelo Estado, eram destino apropriado para hospedar aqueles grandes complexos de proveniência otomana ou egípcia que não puderam ser recuperados ou importados pelos particulares. O British Museum fora inaugurado em 1759, o Louvre, em 1791, e ao lado das obras-primas da arte clássica (...) também as esculturas assírias provenientes de Khorsabad, de Níveve e de Nimrud produziram uma enorme impressão. A seção assíria do Louvre foi aberta ao público em 1847; a do British, em 1853. Para enquadrar mais amplamente o fenômeno, note-se que também as primeiras coletas etnográficas, os hortos botânicos, os jardins zoológicos “estatais” surgiram todos nessa fase proto-colonial, como evidente fruto da ideologia imperialista, ou seja, para recolher para o centro do mundo toda a variedade de coisas belas e estranhas de toda parte da periferia, para demonstração da capacidade de domínio universal do império e para admiração do público.

**b) F. Delitzsch, *Babel and Bible*. Chicago: The Open Court, 1902, p. 1**

Qual é a razão para esses esforços em terras remotas, inóspitas e perigosas? Qual é a razão para essa dispendiosa busca de cascalhos de milhares de anos, onde nem ouro nem prata podem ser encontrados? Qual a razão para a competição entre as nações para garantir os direitos de escavação naqueles montes desérticos? E, sobretudo, qual é a fonte do crescente e auto-imposto interesse, em ambos os lados do Atlântico, direcionado para as escavações na Babilônia e na Assíria? Para estas questões, há uma resposta, mesmo que não uma resposta completa, que aponta para o que, majoritariamente, é o motivo e a finalidade, ou seja, a Bíblia.

**c) Carta de Henry Rawlinson, datada de 26 de novembro de 1845, *apud*: Larsen, Mogens Trolle – *La conquête de l'Assyrie, 1840-1860. Histoire d'une découverte archéologique*. Paris: Hachette, 2001, p. 102.**

De minha parte, eu considero que as inscrições têm um valor infinitamente maior do que as esculturas – estas últimas poderão agradar aos amadores de arte e apresentam, sem nenhuma dúvida, um verdadeiro interesse intrínseco -, mas os tabletas são autênticas peças históricas e estou absolutamente convencido de que eles logo nos serão completamente inteligíveis. O edifício de Nimrud certamente não proporcionará expedições massivas de peças para Londres, mas as cópias das inscrições que vocês farão serão do maior interesse.

**d) Ferdinand Knab – *Os Jardins Suspensos da Babilônia*. Litografia, 1886.**

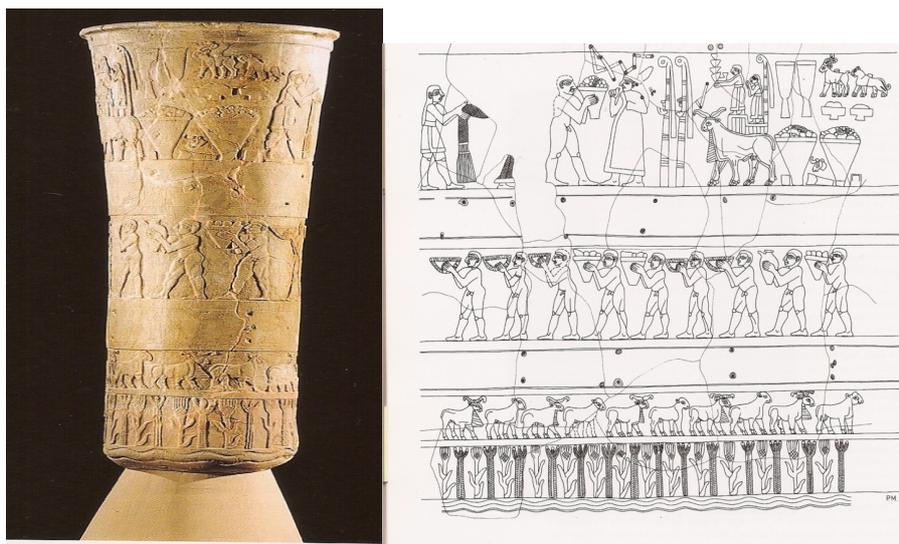


## Ponto 2

a) Frangipane, Marcella – *La nascita dello stato nel Vicino Oriente*. Roma: Laterza, 1996, p. 174 s.

O grande desenvolvimento da urbanização [no sul], muito mais marcado do que no norte, provavelmente tornou-se possível por uma agricultura em vias de expandir notavelmente, sob pressão, a sua produtividade e de manter uma população urbana em contínuo aumento. Por outro lado, o impulso para residir nas cidades nascentes por um número crescente de indivíduos devia estar associado, de um lado, com o desenvolvimento da especialização do trabalho, que tornava as camadas sociais fortemente interdependentes e, portanto, estimuladas a conviverem; de outro lado, com uma provável ampliação e uma melhor organização do poder político das linhagens dominantes. O alargamento da esfera de intervenção da autoridade central e o número de atividades por ela geridas devem ter favorecido a criação de uma multidão de indivíduos que trabalhavam a tempo pleno ou parcial para a instituição e a formação de uma classe de funcionários destinados a exercer o controle administrativo; uns e outros eram atraídos para a sedes das residências das elites. Não é por acaso que nesse período se manifesta também, na baixa Mesopotâmia, o desenvolvimento da produção e do uso dos selos.

b) Vaso de Uruk – *Quarteirão do templo de Eanna* – c. 3000 (IM 19606 – Museu de Bagdá).



c) Bolger, Diane & Wright, Rita – *Gender in Southwest Asia prehistory*. In: Bolger, Diane (ed.) – *A companion to gender prehistory*. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013, (p. 380).

Iniciando-se no quinto milênio a.C. e indo até o terceiro, houve importantes mudanças econômicas, sociais e políticas por todo Sudoeste da Ásia [= Oriente-Próximo], que são visíveis em inúmeras inovações. Elas incluem a intensificação da agricultura e do pastoreio, a movimentação de populações para assentamentos urbanos, o desenvolvimento de economias baseadas no trabalho especializado e, em algumas localidades, a presença de grandes instituições religiosas e políticas. Embora houvesse diferenças culturais, a reestruturação das unidades domésticas [households], as divisões do trabalho e as distinções de classe alteraram significativamente as relações sociais entre homens e mulheres nessas sociedades.

d) Tablete administrativo com impressão de selo – Período de Uruk tardio – c. 3100-2900 a.C. (Metropolitan Museum).



---

**Ponto 3**

a) Steinkeller, Piotr - *History, texts and art in early Babylonia. Three essays.* Boston/Berlin: De Gruyeter, 2019, p. 9.

O que é marcadamente ausente de todos os registros sumérios mais antigos (...) são as verdadeiras inscrições históricas, aquelas cuja função primária foi glorificar uma figura régia específica e sua linhagem ou comemorar eventos históricos específicos (que não fossem as construções de templos). Ora, para dizê-lo de outro modo, fontes que sejam primariamente relacionadas com a história dinástica. (...) tais textos, que podem ser caracterizados como inscrições de 'exibição da elite', apareceram pela primeira vez sob os reis sargônicos, tornando-se uma das marcas desse período.

**b) Lista Real Suméria (cópia dos inícios do II<sup>o</sup> milênio)**

(...) Depois que o dilúvio avassalou (a terra) e quando a realeza (novamente) desceu dos céus, a realeza instalou-se em Kish. Em Kish, Ga-xxx-ur tornou-se rei e governou 1200 anos. (Original) destruído; legível somente pela divina Nidaba. (xxx) governou 960 anos. Palakinatim governou 900 anos. Mangish-lishma governou (xxx) anos. Bahina governou (xxx) anos. (xxx) governou 840 anos. Kalibum governou 960 anos. Qalumum governou 840 anos. Zuqapi governou 900 anos. Atab governou 600 anos. Mashda, filho de Atab, governou 840 anos. Arwium, filho de Mashda, governou 720 anos. Etana, o pastor que anos subiu aos céus e consolidou todas as regiões, tornou-se rei e governou 1560 (variante 1500) anos. Balih, filho de Etana, governou 400 (var. 410) anos. En-me-nunna governou 660 anos. Melam-Kish, filho de En-me-nunna governou 900 anos. Bar-sal-nunna, filho de En-me-nunna, governou 1200 anos. Samug, filho de Bar-sal-nunna, governou 140 anos. Tizkar, filho de Samug, governou 305 anos. Ilku governou 900 anos. Ilta-sadum governou 1200 anos. En-men-baragesi, aquele que trouxe como espólio a 'arma' do Elam, tornou-se rei e governou 900 anos. Aka, filho de En-men-baragesi, governou 629 anos. (Total:) 23 reis governaram-na (Kish) por 24510 anos, três

meses e 3 dias e meio. Kish foi derrotada na batalha e a soberania foi transferida para Eanna (Uruk).

**c) Estela do Código de Hammurabi – 1792-1750 a.C. (parte superior) – Museu do Louvre**



**d) Launderville, D. - *Piety and politics. The dynamics of Royal authority in Homeric Greece, Biblical Israel, and old Babylonian Mesopotamia.* Cambridge: Eerdmans, 2003, p. 35.**

A reivindicação do rei no sentido de ser escolhido divinamente somente pode ganhar credibilidade através de suas realizações. Os reis mesopotâmicos, desde o início do terceiro milênio a.C., entenderam a importância de capitalizar suas realizações e, então, inscreveram seus feitos heroicos em monumentos de pedra, objetos votivos e tabletes a fim de mostrar aos deuses, aos seus contemporâneos e às futuras gerações que estavam cumprindo seus mandatos divinos. O impacto de tais símbolos visuais da autoridade real sobre a imaginação popular não deve ser menosprezado. Embora uma pequena elite tenha sido, provavelmente, a única habilitada a ler as inscrições cuneiformes, a própria escrita carregava uma aura que provavelmente capturava a atenção da população mais ampla. A promoção do carisma e da destreza do rei foi importante para a mobilização da população no suporte e cooperação nos projetos de construção e campanhas militares. Em muitos casos, o povo foi, provavelmente, manipulado por fatores econômicos e militares, mas, mesmo naquelas circunstâncias em que a coerção foi forte, a vontade do povo para seguir os comandos do rei não foi um fator desprezível na realização do projeto.

---

#### Ponto 4

**a) Seri, Andrea - *Local power in Old Babylonian Mesopotamia*. London: Equinox, 2005, p. 196.**

(...) como é possível, com as fontes disponíveis, ir além do domínio régio e estudar outras esferas da sociedade? Eu estou consciente de que, na minha tentativa de fazer isto, eu considerei apenas alguns degraus abaixo do setor estatal, porque eu pesquisei as atividades e funções das elites locais do período Babilônico Antigo. No entanto, essa abordagem permitiu-me traçar um sistema de relacionamentos funcionando nos níveis tanto vertical como horizontal. Além disso, eu acredito que traçar redes de interação entre estado e representantes da comunidade ajuda-nos a entender complexidades que não são auto-evidentes nos estudos centrados somente no estado. Historiadores do antigo Oriente Próximo frequentemente discutem as ideias de história na antiguidade e os modos como os antigos percebiam seu passado, mas tem havido pouco ou nenhum debate acerca dos modos como os historiadores escrevem sobre a história antiga próximo-oriental. Isto é, de fato, uma tarefa difícil, e a formulação de problemas de pesquisa está ligada a novos métodos, fontes e teorias. Entretanto, eu penso que refletir sobre a escrita da história nos ajudará a fazer novas perguntas para velhas fontes.

**b) *Correspondência de Mari - A.1968 (LAPO,18,934). Séc. XVIII a.C.***

Diz a meu senhor: assim fala Nûr-Sîn, teu servidor.

Abiya, o respondedor de Addu, senhor de Alep, veio encontrar-me e disse estas palavras: "Assim fala Addu: 'Eu havia dado todo o país a Yahdun-Lîm e, graças às minhas armas, ele não teve rival no combate. Ele (porém) abandonou meu lado e o país que eu lhe havia dado (agora) dei a Samsî-Addu.

[lacuna]

Eu te coloquei sobre o trono de teu pai e as armas com que eu havia lutado contra o Mar (*Têmtum*), eu tas dei. Eu te ungi com o óleo de meu triunfo e ninguém se levantou face a ti.

Escuta esta única palavra minha: quando alguém que tiver um processo chamar-te dizendo: "fizeram-me uma injustiça" fica em pé e dá-lhe um julgamento; responde-lhe de modo justo. Eis o que desejo de ti.

Quando partires em campanha, não saias sem teres consultado o oráculo. Quando, em um oráculo meu, eu tiver sido favorável, tu sairás em campanha. Se não for assim, tu não sairás pela porta".

Eis as palavras que o respondedor me disse. Agora, eu fiz levar até meu senhor uma mecha de cabelo do respondedor e a franja de sua veste.

**c) D. Warburton, *Egypt and the Near East. Politics in the Bronze Age*. Neuchâtel-Paris: Recherches et Publications, 2001, p. 99 s.**

A devastação no final da Idade do Bronze também deixou uma lacuna de vácuo de poder, pois os assírios não estavam nem preparados nem aptos para avançar sobre todos os territórios perdidos pelo Egito e pelo Hatti [Hititas]. Eles haviam absorvido muitas das possessões hititas no norte da Síria, mas ainda eram incapazes de manter seu controle imediatamente. Embora capazes de expandir seu controle no império territorial quatro séculos mais tarde, os agrupamentos tribais aramaicos não-estatais foram capazes de empurrar os assírios para longe da costa, assim como povos não-estatais empurraram o Egito para fora da Palestina.

Nessa época, o império assírio era pouco mais do que um mosaico de cidades em um deserto repleto de bandidos e salteadores. Muito embora não houvesse um único pleiteador poderoso do legado egípcio-hitita na Síria, os assírios teriam de lutar por séculos antes de consolidar seu domínio na Síria. Estruturas de poder desintegraram-se e pequenos reinos apareceram e afirmaram-se a si próprios no vácuo. [...] Após a batalha de Qarqar [em 853, na qual o rei assírio Salmanasar III derrotou uma coalizão de reinos siro-palestinos: Damasco, Hamath, Israel, Arwad etc.], a Assíria ocupou progressivamente a Síria. Pela primeira vez na história do Oriente-Próximo, os reis assírios transformavam estados independentes e vassalos em províncias, criando um império territorial alcançando quase tão longe quanto a costa [mediterrânea].

***d) Carta de El-Amarna EA,122 - século XIV a.C. (do governante de Gubla [a futura Biblos] ao Faraó do Egito, certamente Amenhotep IV)***

Rib-Adda escreve a seu senhor, rei de todos os países, [grande] rei, rei do combate: Que a senhora de Gubla conceda o poderio ao rei, meu senhor. Eu caio aos pés de meu senhor, meu sol, sete vezes e sete vezes. Quanto ao que o rei disse: “Defendete”, considera que, antes, nos tempos de meus ancestrais, havia para eles uma guarnição do rei e os bens do rei estavam à disposição deles. Ora, quanto a mim, não há víveres da parte do rei à minha disposição e não há guarnição do rei comigo. Eu devo defender-me sozinho [...] há uma guarnição real com ele e há víveres da parte do rei à sua disposição, mas, para mim, não há nem guarnição nem víveres da parte do rei. Pahura cometeu uma afronta contra mim: ele enviou suteanos e eles mataram os *shirdanu*. Ele levou três homens para o Egito. Desde então, a cidade está em fúria contra mim. De fato, a cidade diz sem cessar: “um ato que não era cometido desde um tempo imemorial foi cometido contra nós”. Que o rei, então, preste atenção às palavras de seu servidor e que ele envie os homens a fim de que a cidade não se revolte. Que devo fazer? Escuta-me! Por consideração para comigo, não rejeites! Estejam os homens na corte ou não, escuta-me. É verdade que eu escrevo continuamente desta maneira ao palácio, mas não dão atenção às minhas palavras.